

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 11 - Cidades e comunidades sustentáveis

A CRIANÇA E A CIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA: POR QUE PENSAR NISSO? ¹

CHILDREN AND THE CITY IN PANDEMIC TIMES: WHY THINK ABOUT IT?

**Jandha Telles Reis Vieira Müller², Gabriel da Silva Wildner³, Cláudia Eliane Ilgenfritz Toso⁴,
Helena Copetti Callai⁵**

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido junto ao Grupo de Investigação Ensino e Metodologias em Geografia e Ciências Sociais da UNIJUÍ.

² Aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo ? Unijuí, Bolsista PIBIC/CNPq

³ Aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo ? Unijuí, Bolsista PIBIC/CNPq

⁴ Pós-Doutora, Doutora e Mestre em Educação nas Ciências pela Unijuí, com Doutorado Sanduíche na Univer-sità di Bologna/Itália. Especialista no Ensino de Geografia e da História - Saberes e Fazeres na Contemporanei-dade pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul ? UFRGS. Graduada em História ? UNIJUÍ. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Ensino e Metodologia em Geografia e Ciências Sociais. Professora Substituta da UFFS ? Universidade Federal da Fronteira Sul ? Campus Cerro Largo.

⁵ Orientadora. Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo. Professora Titular no DHE - Departamento de Humanidades e Educação da UNIJUÍ, Pesquisadora CNPq Nível 1D, copetti.callai@gmail.com

INTRODUÇÃO

Viver algo que até então somente conhecíamos através de filmes ou mesmo da história, tem trazido muitos questionamentos tanto para pais quanto para professores. As crianças talvez por ter menos vivências nem sempre conseguem compreender o que está acontecendo no mundo. Uma epidemia diz respeito a surtos de uma doença em várias regiões, mas o que vivemos em 2020 é uma pandemia, ou seja, a COVID-19, uma doença causada pelo coronavírus, atinge atualmente boa parte dos países do planeta.

É neste contexto que vivemos e é nele que as crianças estão aprendendo novas formas de viver. A cidade pode ser compreendida como o lugar mais próximo em que as crianças poderiam desenvolver sentimentos de pertencimento e mesmo afetos. A questão aqui é pensar sobre como elas se sentem e principalmente do que sentem falta, em um período em que o isolamento ou distanciamento social tem sido postura necessária a ser adotada para evitar o contágio da doença.

O que podemos aprender com este novo momento histórico? O que as crianças têm a nos dizer e ensinar? E, como nós adultos podemos aprender e ensinar sobre a possibilidade de nos reinventarmos ou mesmo sobrevivermos mantendo a sanidade mental em tempos de pandemia? Nos valem os autores e pesquisadores sobre as temáticas cidade, criança e pandemia para sustentar nossas reflexões. Para tanto, é objetivo construir um caminho crítico interpretativo, considerando especialmente a produção das crianças sobre o que elas mais sentem falta em um período em que o isolamento ou distanciamento social é necessário.

Palavras-chave: Criança. Cidade. Pandemia.

Keywords: Child. City. Pandemic.

METODOLOGIA

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 11 - Cidades e comunidades sustentáveis

O caminho da investigação exige do pesquisador um posicionamento teórico e, neste estudo, sustenta-se a partir da leitura, interpretação e confronto entre autores numa abordagem crítico-hermenêutica. É um trabalho que propõe primeiramente uma análise documental e bibliográfica para posterior planejamento e desenvolvimento de situações de aprendizagens a serem realizadas com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental que se encontram com aulas remotas devido à pandemia da COVID-19.

O estudo em questão parte do projeto de pesquisa já em andamento intitulado: *A criança e a cidade: conhecendo, interpretando e preservando o patrimônio arquitetônico*, pertencente ao Grupo de Pesquisa Ensino e Metodologia em Geografia e Ciências Sociais da Unijuí, coordenado pela Professora Dra. Helena Copetti Callai. Este estudo se dividirá em três momentos, cujo o primeiro diz respeito a reflexão aqui exposta, o segundo à pesquisa piloto com 25 alunos do 5º ano do Colégio Estadual Pedro II, no qual contará com a colaboração da professora Tatiane Alves para aplicar uma ficha didática ainda em elaboração, e o terceiro com uma pesquisa mais alargada, com alunos dos primeiros anos do ensino fundamental de escolas públicas e privadas das cidades de Ijuí e Santo Ângelo-RS.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vivemos um momento histórico que possivelmente os mais idosos saibam com mais propriedade do que efetivamente se trata. Conhecemos e estudamos sobre pandemias nas mais diversas áreas do conhecimento, mas vivenciar de perto uma destas nos traz muitos questionamentos e incertezas. A ciência muitas vezes posta em xeque é a única via para a superação dos problemas que advém de algo tão grandioso quanto a COVID-19. Quando as primeiras notícias surgiram no final de 2019 e faziam referência ao contágio na China, muitos ignoraram e relativizaram a situação.

Conforme Harari (2020), muitos culpam a globalização como responsável pela epidemia do coronavírus, mas o autor e tantos outros historiadores escrevem sobre diferentes momentos históricos e as epidemias. Segundo ele o segredo não está na segregação, mas na cooperação. Esta seria a oportunidade de o mundo mostrar-se mais humano e solidário, mas o que ocorre é exatamente o inverso. Ao olharmos a história, verificamos que a peste negra foi responsável pela morte de 1/3 da população europeia no século XIV, enquanto a gripe de 1918, também conhecida como gripe espanhola – do vírus influenza, talvez tenha matado em torno de 100 mil pessoas.

Neste momento, primeira metade de julho de 2020, temos mais de 13 milhões de casos confirmados e mais de 570 mil mortos pelo coronavírus no mundo, sem considerarmos os casos subnotificados, de acordo com os dados fornecidos pela Universidade Johns Hopkins (Baltimore, EUA) e autoridades locais, no site BBC NEWS (2020). De acordo com as mesmas fontes, no Brasil, são quase 2 milhões de casos confirmados e mais de 70 mil mortos, ocupando o segundo lugar de países com casos confirmados da COVID-19.

Posto este cenário, a recomendação da Organização Mundial da Saúde sobre o isolamento social se faz de extrema importância e urgência, mantendo, além de outros, professores e alunos afastados dos espaços escolares, com a realização das atividades de forma adaptada e remota. No Rio Grande do Sul, o sistema público de ensino inicialmente realizou encaminhamentos de atividades para que fossem feitas em casa. Na sequência houve suspensão das aulas e desde junho iniciaram os trabalhos

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 11 - Cidades e comunidades sustentáveis

remotos, com capacitação de professores para que ministrem as aulas a partir das suas casas. É nesse contexto que as crianças se encontram, isoladas necessitando se adaptar à nova sistemática de construção de conhecimentos. Os desafios são muitos e, não é possível apontar que consequências teremos ao final do ano letivo, ou mesmo, ao final da pandemia tanto no que diz respeito às aprendizagens quanto das relações sociais das quais as crianças estão sendo privadas, visto que não estão distanciada somente da escola, mas da cidade com um todo.

Considerando que a cidade normalmente é o lugar mais próximo em que os sujeitos podem desenvolver sentimentos de pertencimento e afetos é que provocaremos as crianças a pensarem e relatarem sobre os lugares que mais sentem falta em tempos de pandemia, principalmente se considerarmos que é a cidade um *locus* importante de interação entre seus habitantes e é nelas que podem buscar soluções para melhorar a vida em sociedade. Como escreve Tonucci (2005) as crianças têm ideias e formas de compreender o mundo em que vivem e podemos aprender muito com elas. E a cidade, bem como afirmam Nunes e Müller (2014, p. 13) “sempre foi objeto de intervenções que buscaram adequá-la às expectativas sociais, trata-se de um espaço coletivo onde transitam grupos e indivíduos com dinâmicas próprias, que influenciam o seu desenho físico e dele sofrem influências”.

O estudo da cidade normalmente ocorre de forma sistemática nos anos iniciais do ensino fundamental, mais especificamente nas disciplinas de história e geografia, mas não se restringe a elas. Segundo Castellar (2009, p. 50), estudar a cidade “contribui na formação dos conceitos de identidade e de lugar, expressos de diferentes formas: na consciência de que somos sujeitos da história; nas relações com lugares vividos (...)”. É na cidade que as crianças se encontram com outras crianças e com outros sujeitos, é nela que se pode criar vínculos e compreender-se como pertencente ou não a um lugar. Mas o que podemos aprender com este novo momento histórico e o que as crianças têm a nos dizer e ensinar? Este questionamento ganha força quando se pensa no contexto atual, em que o isolamento social não permite que os sujeitos circulem pelos espaços da cidade, nem se relacionem presencialmente com os outros. Para tanto consideramos importante refletirmos sobre a criança e sua relação com a cidade.

A primeira questão a que consideramos ser necessário nos referirmos é que “a criança é um ser que dá sentido ao mundo em que vive fazendo diferentes leituras das tramas sociais” (Müller & Redin, 2007, p. 17). É fundamental que pensemos na criança como um sujeito que participa da construção do processo histórico, da história da sua vida e da vida da sua comunidade. Para Cohn (2005, p. 8), “precisamos nos fazer capazes de entender a criança e seu mundo a partir do seu próprio ponto de vista”. É importante que consideremos que as crianças não sabem mais ou menos, mas sabem outras coisas e considerá-las sujeitos que possuem conhecimentos e podem ser agentes tanto de transformação quanto de manutenção da realidade em que vivem. Cabe a escola então dar voz as crianças e isso “pressupõem escutá-las realmente. Isso significa para além de deixar falar, é compreendê-las como sujeitos capazes de participar, de opinar, de transformar” (TOSO, 2018, p. 64).

Tonucci (2014, p. 7) nos alerta que “a cidade deve assumir a responsabilidade de acolher as crianças em seus espaços públicos”, ele sugere ainda que as crianças participem da vida pública e que os prefeitos criem mecanismos, como conselho das crianças, para que elas sejam ouvidas e mais do que isso considere suas ideias e posicionamentos. As crianças têm condições e interesse de interagir com espaços para além dos pensados exclusivamente para elas, podendo aprender ao agir sobre os que historicamente são pensados e destinados aos adultos. Os espaços urbanos devem ser parte do



Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 11 - Cidades e comunidades sustentáveis

currículo escolar e considerado no planejamento do professor.

Segundo Harvey (2014, p. 134), “a cidade é o lugar onde as pessoas de todos os tipos e classes se misturam, ainda que relutante e conflituosamente, para produzir uma vida em comum, embora perpetuamente mutável e transitória”. É na diversidade que vamos aprendendo a sermos mais tolerantes e temos a possibilidade de aprendermos a respeitar e conviver com o outro. A criança ao se relacionar com outras de grupos sociais, culturais e econômicos diversos tem a oportunidade construir entendimentos sobre a realidade em que vivem. Assim, a cidade pode ser compreendida como uma cidade educadora que é “aquela que, para além de suas funções tradicionais, reconhece, promove e exerce um papel educador na vida dos sujeitos, assumindo como desafio permanente a formação integral de seus habitantes” (CIDADE EDUCADORA, 2017).

Os espaços da cidade podem ser pensados como sendo pedagógicos e auxiliar no desenvolvimento integral dos sujeitos. Wajskop (2014, p. 28) relata a cidade de Toronto no Canadá, considerada como um modelo de cidade educadora. Nela “as ruas e os parques são um exemplo de como os espaços urbanos podem transformar a vida dos bebês e das crianças, incluindo-os, desde cedo, na cultura do mundo adulto por meio da convivência na diversidade com respeito e curiosidade”. E por acreditarmos no quanto a cidade é importante na construção de identidade, planejaremos uma ficha didática na qual as crianças dos anos iniciais registrarão como se sentem em tempos de isolamento social. Também desenvolveremos juntamente com as professoras das escolas a proposta de registrar sobre os lugares que as crianças mais sentem falta, tanto de forma escrita como em desenhos. As crianças serão provocadas a refletir sobre o que querem fazer quando puderem frequentar os espaços da cidade novamente. Já as professoras desenvolverão as propostas com as crianças e as produções realizadas pelos pequenos serão objetos de análises na sequência da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender como as crianças estão se sentindo e agindo durante a pandemia nos permite buscar formas para tentar contribuir com o enfrentamento do que se está vivendo durante o período de isolamento. É fundamental que entendamos a necessidade de sermos solidários e como escreve Harari (2020) tentarmos estabelecer uma cooperação global para que possamos vencer tanto o coronavírus quanto qualquer outro patógeno que tente assolar a humanidade.

Nós adultos podemos refletir sobre como nos reinventarmos e ajudar as crianças a enfrentar esse momento. Para vencer o vírus o caminho é conhecimento, informação, união e confiança, estabelecendo vínculos enquanto humanidade e não incentivando a competição. Aprender a ser solidário pode nos ajudar a enfrentar possíveis pandemias no futuro. As crianças ao serem questionadas e provocadas a pensar sobre como estão se sentindo e do que sentem falta podem refletir sobre como se situam num lugar e no mundo, com o que se identificam e como podem auxiliar na configuração da sociedade que vive um momento delicado.

Diante do exposto, e das reflexões realizadas até aqui, seguiremos para as próximas etapas da pesquisa, buscando no campo empírico a extensão de conhecimento sobre o que temos estudado em relação à criança e à cidade. Para além de registrar o que as crianças têm para nos contar, queremos entender as suas concepções acerca das questões da cidade para podermos desenvolver, futuramente, mais estudos e materiais que versem sobre preservação de patrimônio e cidadania de forma lúdica e criativa, focando sempre nelas como nosso público alvo.

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 11 - Cidades e comunidades sustentáveis

AGRADECIMENTOS

À agência de fomento CNPq e ao apoio financeiro, ao Grupo de Pesquisa Ensino e Metodologia em Geografia e Ciências Sociais, ao Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí e a Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Cerro Largo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BBC NEWS. **Coronavírus: o mapa que mostra o alcance mundial da doença**. 10 de jul. de 2020. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51718755>>. Acesso em: jul. 2020

CASTELLAR, Sonia. Lugar de vivência: a cidade e a aprendizagem. In: PEREIRA, Marcelo Garrido. **La Espesura del Lugar: reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo**. Santiago de Chile: Universidade Academia de Humanismo Cristiano, 2009.

CIDADE EDUCADORA. Disponível em: <<http://cidadeseducadoras.org.br>>. Acesso em: jun. 2020.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

HARARI, Yuval Noah. **Na batalha com o coronavírus, faltam líderes à humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

MÜLLER, Fernanda; REDIN, Marita Martins. Sobre as crianças, a infância e as práticas escolares. In: REDIN, Euclides; REDIN, Marita Martins; MÜLLER, Fernanda (Orgs.). **Infância: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

NUNES, Brasilmar Ferreira; MÜLLER, Fernanda. A criança como agente da cidade. **Revista Pátio**, Grupo A, a. XII, n. 40, 2014.

TONUCCI, Francesco. As crianças e a cidade. **Revista Pátio**, Grupo A, a. XII, n. 40, 2014.

_____. **Quando as crianças dizem: agora chega**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

TOSO, Cláudia Eliane Ilgenfritz. **Conhecer para pertencer: a relação criança, escola e cidade**. Tese (doutorado) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Campus Ijuí). Educação nas Ciências; Ijuí. 2018.

WAJSKOP, Gisela. Uma cidade das crianças. **Revista Pátio**, Grupo A, a. XII, n. 40, 2014.

Parecer CEUA: 012/18